

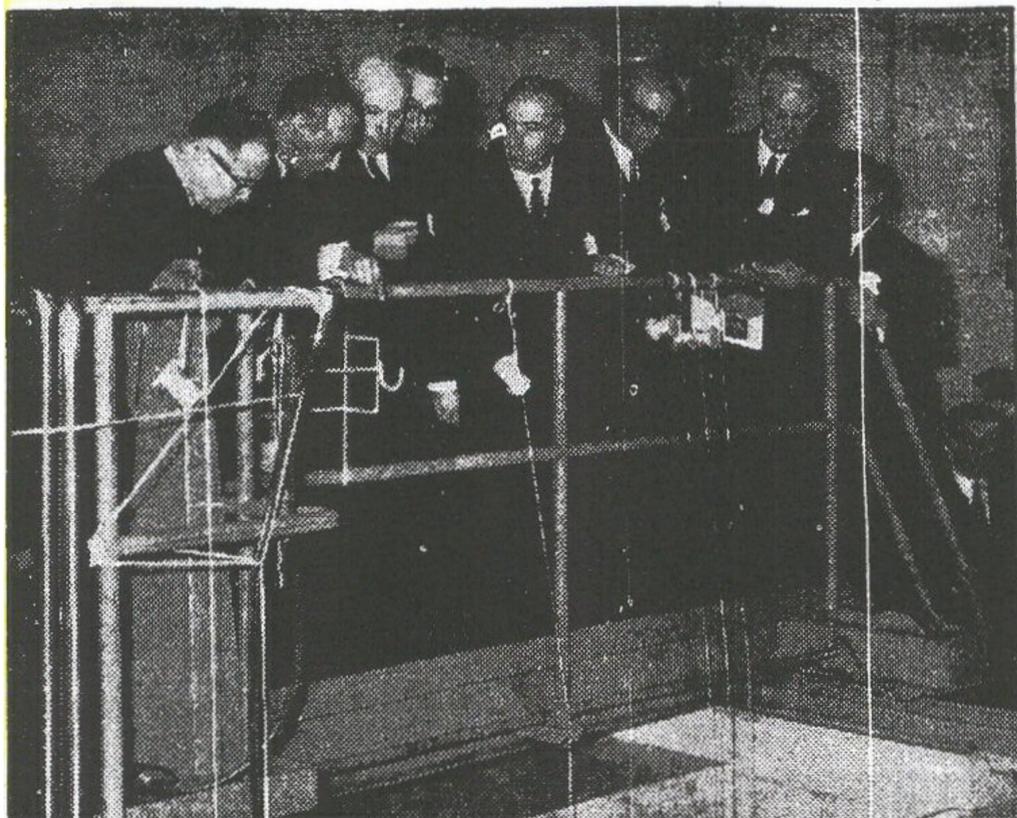
Diário de Notícias

PROPRIEDADE DA EMPRESA NACIONAL
DE PUBLICIDADE
REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS:
AVENIDA DA LIBERDADE, 266 — LISBOA-2

DIRECTOR — AUGUSTO DE CASTRO

Editor: ALBERTO RAMIRES DOS REIS
End. Teleg. NOTÍCIAS
Telefones: 48104 (P. P. C. A. — 8 linhas)
49474 e 49475

15 de Fevereiro de 1967, pág. 1/2



O Presidente da República, com os dirigentes do Laboratório de Engenharia Nuclear, apreciando o reactor aï em funcionamento

UMA RIQUEZA EM PORTUGAL

AS NOSSAS RESERVAS DE URÂNIO SOBEM A MAIS DE 3 MILHÕES E 800 MIL TONELADAS

• O CHEFE DO ESTADO VISITOU O LABORATÓRIO DE ENGENHARIA NUCLEAR

O Chefe do Estado visitou ontem, em Sacavem, o Laboratório de Física e Engenharia Nucleares onde está a ser empreendida obra notável que começou já a chamar a atenção do País e do estrangeiro

Aquele instituto não tem mais de meia dúzia de anos; porém, mercê da competência dos que ali trabalham e, ainda, por força da dedicação de todos

os seus obreiros, conseguiu guindar-se a nível de alto prestígio que muito está honrando os técnicos portugueses. Esse mesmo aspecto foi salientado pelo sr. Presidente da República que teve enjejo de apreciar o longo caminho já andado na prossecução dos objectivos que foram marcados ao laboratório.

Maior teria sido o domínio das realizações se maior tivesse sido também a sua disponibilidade financeira.

Como disse, durante a visita, o presidente da Junta de Energia Nuclear, já hoje dispomos de técnicos hastantes para termos um orçamento mais desafogado. O dinheiro destinado à energia nuclear é dinheiro investido na confluência de grandes interesses que respeitam à Investigação científica nacional — sublinhou.

No campo da energia nuclear, parece estar, na verdade, reservada uma posição de relevo singular para o nosso país, pois as nossas reservas de urânio

apenas são suplantadas pela França, na Europa Ocidental. Assim os meios não falem.

A entrada do laboratório, foi o Chefe do Estado recebido pelo ministro de Estado, dr. Mota Velga; secretário da Indústria e subsecretário do Orçamento, respectivamente eng.º Amaro da Costa e dr. Tarujo de Almeida; presidente e vice-presidente da Junta de Energia Nuclear, prof. eng.º Leite Pinto e eng.º Manuel Rocha; antigo presidente da mesma Junta, eng.º Frederico Ulrich; directores-gerais do Laboratório, eng.º Rogério Cavaco e dr. Carlos Cacho; director dos Serviços Centrais, dr. José Luís de Saldanha, além de vários engenheiros chefes de diversos departamentos do mesmo Laboratório e da Direcção-Geral de Exploração Mineira.

Numa breve reunião, efectuada no salão da biblioteca, o prof. eng.º Leite Pinto saudou

(Continua na 7.ª página)

(Continuado da 1.ª página)

O Chefe do Estado manifestando-lhe o respeito por parte de todo o funcionalismo e apresentando-lhe os agradecimentos da Junta pela honrosa visita. No seu entender — disse — a visita do Presidente da República não é apenas ao Laboratório de investigação científica e tecnológica e a fábrica de urânio metálico mas também a todos os departamentos dispersos pela Metrópole e Ultramar, de modo especial às minas de urânio em exploração em Portugal europeu.

Depois de saudar igualmente os membros do Governo e o seu antecessor, eng.º Frederico Ulrich que — salientou — num tempo «record» construiu e apetrechou o Laboratório em 1961, o prof. Leite Pinto lembrou que este fora criado somente em 1954 mas que, desde 1949, se efectuavam já no País estudos sistemáticos de ciências nucleares, mercê dos trabalhos levados a cabo por uma comissão «ad hoc» que funcionou no Instituto de Alta Cultura.

Seguidamente, historiou as diferentes actividades de investigação de matemática, física, química, mineralogia e geologia, bem como o de aplicação dos radioisótopos à medicina, criado no Instituto Português de Oncologia. A propósito, citou os nomes dos profs. Herculano de Carvalho, Carrington da Costa, Carlos Braga, Francisco Gentil e Julio Palacios, chefes destes centros, bem como a colaboração prestada pelo então director-geral de Minas, eng.º Castro e Solia. Ajudou à colaboração estrangeira por parte da França e da Grã-Bretanha e às difíceis diligências junto de outros países.

Prosseguindo, sublinhou que o problema da exploração do urânio português e sua concentração foi posto desde o início, quando era concessionária principal a Companhia Portuguesa de Rádio que nunca deixou de colaborar com a comissão «ad hoc», como depois o fez com a Junta de Energia Nuclear. Porém — continuou — este problema fundamental só foi equacionado e bem resolvido com a Junta através da sua Direcção-Geral dos Serviços de Prospeccção e de Exploração Mineira dirigida proficientemente pelo eng.º Rogério Cavaco.

Mais adiante, revelou que, de 1955 a 1959, prospectaram-se 50 mil quilómetros quadrados da Metrópole e os trabalhos não pararam, iniciando-se a actividade no Ultramar, em 1961, tendo, porém, no 2.º seguinte, a Junta chamado a si a exploração das minas de urânio portuguesas.

As reservas de urânio em Portugal

Utilizando mapas existentes na sala, o prof. Leite Pinto esclareceu as várias actividades mineiras, após o que deu a conhecer, pela primeira vez, os valores actualizados das reservas metropolitanas de urânio.

Assim, na região de Nisa e Castelo de Vide, as reservas de minério ascendem a 1 680 000 toneladas; no distrito de Viseu, 1 450 000 toneladas; no da Guarda, 720 000; em Moncorvo, oito mil.

Nos distritos de Viseu e da Guarda existe o maior numero de jazigos uraníferos (355), mas acontece que na zona de Nisa e Castelo de Vide, embora o numero de jazigos seja menor (35 apenas), as reservas são muito mais importantes.

Portugal — elucidou — pode dispor de oito mil toneladas de urânio barato (inferior a 500\$00 por cada quilograma de concentrado de óxido de urânio) e de um numero muito mais elevado de reservas de teor baixo. Na Europa ocidental, a França tem reservas maiores e a Espanha reservas da mesma ordem. Mais nenhum país do ocidente europeu possui reservas importantes de urânio.

Vai ser remodelada a actual oficina da Urgeirica

No prosseguimento da sua exposição, referiu-se aos problemas de concentração de minérios, anunciando a remodelação da actual oficina da Urgeirica, que será visitada pelo ministro de Estado nos próximos dias 24 e 25.

Mais adiante, falou sobre as reservas mundiais de urânio e da sua comparação com as reservas de combustíveis fósseis, fazendo, depois, várias considerações sobre as aplicações do carvão e do petróleo como matérias-primas de novas industrias da carboquímica e da petroquímica. Vincou, nomeadamente, que hoje se tenta evitar a queima daquelas matérias, visto que são preciosas para delas se conseguir outros produtos que vão dos plásticos à alimentação.

O eng. Leite Pinto recordou que, até 1929, se extraiu, apenas, das nossas minas o rádio. O urânio era rejeitado como subproduto inutil. De 1904 a 1940 deviam ter sido extraídos das minas portuguesas cerca de 50 gramas de rádio. Os detritos de urânio, dissolvidos nos líquidos residuais do tratamento químico para aproveitamento de rádio, foram carregados pelos rios para o oceano. Não é exagerado dizer-se que se perderam assim mais de 500 toneladas de urânio. Perdas análogas se registaram noutros países. Porém, detritos uraníferos constituem hoje importantes reservas da União Sul-Africana e isto porque aqueles não foram lançados aos rios.

A notável actividade do Laboratório

Na continuação da sua exposição o prof. Leite Pinto fez uma análise sumária das realizações do Laboratório através dos departamentos da Física Nuclear, instalação piloto de fabrico de sais de urânio e urânio metálico, Química Nuclear, Metalurgia, Serviços de Protecção contra Radiações Ionizantes e Reactor.

Depois de salientar que o Laboratório formou já, em cinco anos, mais de 200 técnicos e engenheiros destinados à industria privada, falou dos acordos internacionais para fabrico de combustíveis nucleares e do ciclo do urânio. «Já hoje dispomos de técnicos bastantes para termos maior orçamento.»

Referiu-se aos estudos sobre centrais e aos cursos de aperfeiçoamento para médicos radiologistas.

Allás, no mês de Maio vão iniciar-se cursos contra radiações atómicas, promovidos pela Ordem dos Médicos

a que serão obrigados todos os radiologistas.

A terminar, sublinhou:

— Hoje, a Junta é um grande organismo que exige uma administração cuidada e complexa. Nos Serviços Centrais, ao lado de uma repartição administrativa, existe outra de relações internacionais de proficiente actualiação.

Por ultimo, usaram da palavra os directores-gerais, dr. Carlos Cacho e eng. Rogério Cavaco, que expuseram os objectivos do Laboratório e os meios de que dispõe actualmente.

Em seguida, o Chefe do Estado visitou demoradamente todos os laboratorios, departamentos de investigação tecnológica e oficinas mecánicas e industriais.

Entrega de condecorações

Depois da visita, o Chefe do Estado voltou ao salão da biblioteca para, numa breve cerimónia, entregar condecorações da Ordem de Mérito Industrial às seguintes individualidades:

Grande oficialato: eng.º Rogério Cavaco e dr. Carlos Cacho; Comend.: dr. José Luis da Camara de Saldanha, eng. Fernando Marques Videira, investigador chefe; eng.º João Dinis Ferreira, adjunto do director-geral; dr. Julio Pistacchini Galvão, chefe dos Serviços de Protecção; eng.º Claudino Martins Vicente, adjunto do director-geral; eng. José Lacerda Pereira e Sousa, engenheiro chefe da Urgeirica. Oficialato: Cristiano da Conceição Fernandes, agente técnico de Engenharia. Medalhas: encarregado geral José da Rosa Pinto; desenhador especialista João Maria Barbas Cardoso; mestre das oficinas mecánicas Fernando José Bilé; capataz geral Deolindo dos Santos Cruz, e capataz Silvio Martins, e tradutora-correspondente D. Georgette de Almeida Ribeiro.

Palavras do Chefe do Estado

No final, o Chefe do Estado manifestou o maior prazer por visitar o Laboratório, recordando que lhe fora muito grato verificar que, desde a inauguração, há 6 anos, fora muito notavel o seu progresso.

«Creio ter dito na inauguração — salientou — que este Laboratório viria certamente a ser uma organização que muito honraria o País e que certamente, em breve futuro, gozaria de prestigio internacional.»

Manifestou a sua satisfação por haver galardoado vários técnicos da Junta e outros funcionários, após o que declarou sair dali satisfeito com o que lhe fora dado apreciar.

«Se aos portugueses fossem dados — prosseguiu — os devidos instrumentos, eles conseguiriam emparceirar com os melhores técnicos estrangeiros.»

Elogiou, depois, todos quantos trabalham naquela casa, pelo prestigio que estão angariando para o País.

Em nome dos condecorados, saudou o Chefe do Estado e agradeceu os galardões o eng. Rogério Cavaco.

No final, foi oferecido aos visitantes um beberete.